

O que Saussure nos teria a dizer?

Virginia B. B. Abrahão*

Recebido em: 05/05/2017

Aceito em: 21/05/2017

O livro de Luciana Marques **As aulas de Saussure: um retorno aos manuscritos**², publicado pela PUC MG em 2016, tem um objetivo singular: “uma vontade de saber” (p.13). Saber mais sobre os cursos que geraram o livro **Curso de Linguística Geral** (CLG), atribuído a Ferdinand de Saussure, bem como sobre possíveis contribuições desse autor para a linguística, ainda pouco exploradas.

Esse livro é resultante da sua tese de doutorado. Seu orientador, Hugo Mari, assim comenta esse objetivo da sua pesquisa, na orelha do livro:

Essa nova dimensão que se abriu para a obra de Saussure é mais do que um revisionismo protocolar de (in)fideliades conceituais, é uma busca incessante de tantos outros fatos que o autor teria a dizer, de outras tantas descobertas que poderiam derivar de suas anotações.

Luciana Marques se propõe a revisitar as aulas do mestre como quem gostaria de ter estado ali presente, buscando o quanto Saussure ainda teria a nos dizer.

Essa sua busca me remete ao seu **Memorial de Pesquisa**, colocado no apêndice do livro, o qual recobra as minhas lembranças enquanto sua professora na disciplina Semântica. Lembro-me do seu olhar brilhante, ao final de uma aula sobre Saussure, quando ela chega à minha mesa e diz:

- Professora, quem é esse cara, digo, esse autor? Quero saber tudo sobre ele.

Em seu Estágio doutoral na Universidade de Genebra/ Suíça, Luciana Marques teve oportunidade de manusear as anotações de aulas do mestre Saussure,

1 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pós doutorado em Semântica, na Área de Linguística Aplicada. Desde 1991 é professora da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), no Departamento de Línguas e Letras.

2 MARQUES, Luciana Moraes Barcelos. **As aulas de Saussure: um retorno aos manuscritos**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2016.

bem como de pesquisar *in loco* os cadernos dos seus alunos, disponíveis na biblioteca daquela universidade. Com isso, ela se aproxima de Saussure como aluna/pesquisadora que deseja aprender e não como pesquisadora que deseja comprovar a inadequação do CLG em relação às anotações de aula de Saussure, recentemente descobertas.

Essa resenha comentada do seu trabalho se propõe, então, a passear pelas páginas do seu livro, a fim de observar o que a autora descobriu um pouco mais sobre o que Saussure tinha ainda para ensinar.

1 Estratégia para olhar

Melhor forma não haveria para “participar” dos cursos de Saussure do que descrevendo seus cursos. Para isso a autora busca, na enorme bibliografia sobre o assunto, as obras que de alguma forma tratam dos manuscritos dos alunos de Saussure, ainda não traduzidos para o português, mas disponíveis para consulta. Encontra, dentre outros autores, Eisuke Kamatsu (1993 e 1997)³ que transcreve integralmente alguns dos cadernos dos alunos de Saussure. (p.22)

Desse modo, a autora busca a perspectiva dos alunos em cotejo com as anotações do professor, presentes nos **Escritos de Linguística Geral** (ELG; (2000), “obra que concentra todos os rascunhos e as anotações do autor” (p.20), para então voltar ao **Curso de Linguística Geral** (CLG), organizado por Bally e Sachedy, tendo por base as anotações dos alunos de Saussure.

Após a descrição dos três cursos de linguística geral ministrados por Saussure (1907/1908 – 1909 e 1091/1911), nos capítulos III, IV e V, a autora propõe-se a discutir os conceitos de língua, fala, signo, valor e o lugar do sujeito falante (cap. VII). Ao comparar as anotações dos alunos com o CLG e ainda com o ELG, esses conceitos ganham dimensões inusitadas. A comparação por si só traz à tona questões relevantes sobre esses conceitos.

Uma revisão bibliográfica sobre parte das publicações referentes a Saussure já seria uma grande contribuição, tendo em vista a escassez de produções e de traduções para a Língua Portuguesa sobre o tema. Segundo a autora, mesmo as

3 KOMATSU, Eisuke (texte établi par). **Deuxième cours de linguistique générale** (1908-1909): d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois. Tokyo: Pergamon, 1997 (Language & Communication Library, v. 16).

KOMATSU, Eisuke (texte établi par). **Ferdinand de Saussure: cours de linguistique générale**. Premier et troisième cours d'après les notes de Riedlinger et Constantin. Tokyo: Université Gakushuin, 1993.

publicações em outras línguas raramente estão disponíveis para consulta nas bibliotecas brasileiras. Por isso, Marques situa os seus leitores nos movimentos teóricos que têm retomado os estudos saussureanos, tanto no capítulo VIII quanto no Prólogo. Para aqueles que se iniciam nos estudos na área, uma clara visão das perspectivas atuais dos estudos saussureanos é apresentada, bem como o quadro atual dos estudos no Brasil.

Apesar do seu propósito de “retomada temático-cronológica de cada um dos três cursos que fundamentaram sua edição [do CLG], colocando em evidência aspectos histórico-filosóficos a eles relacionados” (p.21), no capítulo II, a autora retoma cuidadosamente o percurso de estudos do mestre como quem se pergunta: ele está falando a partir de que? Isso me ajudaria a melhor entendê-lo?

Segundo a autora: “Reconstruir as aulas é, hoje, uma tentativa de acompanhar o pensamento de Saussure (...)” (p.122). Contudo, após “apresentar uma descrição resumida de cada curso, a partir dos cadernos dos alunos” (p.167), Marques considera impossível reconstruir as aulas de Saussure devido à “abrangência absoluta de suas colocações” (p.122):

Dar uma ideia de seu modo de exposição é impossível, porque é uma coisa única: é uma imaginação científica, a mais fecunda que se possa sonhar, donde brotam, como em ramos, as ideias criadoras: é um método ao mesmo tempo flexível e severo...; é... uma clareza de visão espantosa... (CLG - BALLY apud DE MAURO, 1967, p.345, tradução de Luciana Marques).

O que a autora busca, então, é “depreender o modo de exposição do professor, suas escolhas temáticas e sequências, e sua abordagem teórica da linguística enquanto ciência.” (p.167).

No capítulo VI, a autora levanta análises feitas por vários autores - em consonância com os seus estudos sobre os manuscritos dos alunos – que comprovam que o que se consegue com esses estudos são “ecos esparsos do pensamento de um mestre” (p.187). Nesse momento são discutidos problemas e particularidades da edição do CLG em termos das suas condições de preparação.

Portanto, ao fazer “uma descrição transparente e sem intervenções analíticas” (p. 24) dos cadernos dos alunos de Saussure, Luciana Marques contribui para o aprofundamento de estudos dos estudantes brasileiros que se interessem pela temática.

2 O fenômeno Saussure

Em seu livro, Marques deixa claro, desde o prólogo, os problemas relativos ao CLG. No entanto, quanto se fala em Linguística o nome que vem à mente de todos é Saussure.

Alguns desses senões em relação ao CLG seriam:

- Bally e Sechehaye não fizeram parte de nenhum dos cursos;
- Os alunos que participaram dos cursos não eram linguistas;
- Os editores utilizam-se das anotações dos alunos como sendo o próprio pensamento do mestre, sem se remeterem aos cadernos dos alunos.

No entanto, fica evidente a importância dessa obra para a Linguística Moderna. Marques traz uma citação da esposa de Saussure, que afirma que outros alunos buscaram pelas anotações de aulas do professor a fim de publicá-las. Ora, o que havia de tão especial nesses cursos e por que suscitaram mesmo uma revolução nos estudos linguísticos? Afinal, sem escrever um livro específico sobre linguística, Saussure é considerado “Pai da Linguística Moderna”. O que fica muito claro, do início ao final do livro de Luciana Marques é a genialidade do mestre, o ineditismo de suas ideias e a admiração que gerou entre seus alunos. Os dois editores, apesar de não terem feito parte dos três cursos que serviram de base para o CLG, haviam participado de outros tantos cursos com o mestre e desejavam preservar o ineditismo das suas proposições.

Para a autora, “a perspectiva reconstrutora dos editores objetivava depreender das notas dos alunos o “pensamento saussureano” (p. 184) que eles bem conheciam. Os editores acreditavam, desse modo, estar sendo fieis aos critérios severos, mas simultaneamente claros, do mestre.

Ao mesmo tempo, Marques comprova, com várias citações do próprio Saussure e de seus amigos, que ele possuía muitas dúvidas com relação à linguística, o que o impediu de publicar um livro sobre a temática, contudo, muitos dos conceitos e perspectivas por ele trabalhados eram extremamente inovadores para a época. Alguns desses conceitos são discutidos pela autora, como veremos a seguir.

3 O cotejo entre os Manuscritos e o CLG

No capítulo VII, Luciana Marques retoma alguns dos conceitos fundamentais para a linguística moderna, trabalhados nos cursos de linguística geral ministrados por Saussure. Nesse momento, a autora demonstra, cuidadosamente, algumas

lacunas presentes na estruturação do CLG que afetaram profundamente as concepções linguísticas posteriores. No entanto, esses pontos pouco trabalhados ocorrem devido ao fato de não ter sido o Saussure a escrever o livro, bem como devido às opções de organização da obra, feitas pelos editores do CLG, amplamente por ela trabalhadas. A sua leitura vem em função de redimensionar e ampliar as discussões que esses conceitos carregam.

Ao buscar pelos conceitos de língua e fala; signo e valor e sujeito falante em cada um dos três cursos em cotejo com os Escritos de Saussure e com o CLG, emergem por si sós pontos pouco explorados pelos editores do CLG e mesmo pelos desdobramentos posteriores das teorias linguísticas.

A dicotomia Língua/Fala, dentro do processo de retomadas feito por Marques, ganha uma perspectiva muito mais ampla. A língua é considerada, nos três cursos, como um fato social e isso é claramente demonstrado no comparativo entre eles. Evidencia-se assim o quanto é preponderante para Saussure a coletividade social na constituição da língua. Nesse sentido, a língua aparece como propriedade de uma comunidade de fala (idioma); porém, a língua enquanto sistema semiológico possui propriedades que podem ser estendidas a todos os idiomas. Mas a língua, sendo social, é resultante de uma faculdade, própria de cada indivíduo, um acervo individual.

É difícil separar a língua da fala, pois a fala diz respeito ao ato do indivíduo que realiza essa faculdade da linguagem. No entanto, a fala é necessariamente social. A língua só existe devido à fala:

A partir das reflexões propostas até aqui, parece proveitoso delimitar duas noções para a fala: de um lado, Saussure aborda a perspectiva externa à língua, a realização material-fônica, cujos estudos seriam encerrados pela fonologia fisiológica; de outro, a fala abrange o que poderíamos chamar hoje de “emergência enunciativa”, cujo enfoque direciona-se à manifestação da língua pela fala, ou seja, nela estão incluídas as abstrações e discussões referentes à língua, mas numa perspectiva de atualização constante pelos indivíduos. (MARQUES, 2016, p.192)

Conforme a citação acima, depreende-se da teoria saussureana já uma abordagem enunciativa quando considera a dicotomia língua/fala, na medida em que semiotiza aquilo que é de natureza sistêmica. Como podemos perceber, ao retomar essa profícua dicotomia saussureana, Marques traz outra abrangência a esses conceitos.

Já sobre a concepção de signo linguístico, o CLG enfatiza o seu caráter psíquico, tendo em vista o segundo e terceiro cursos ministrado por Saussure. Marques afirma, porém: “Acrescenta-se à noção de signo a discussão sobre seu valor determinado no seio do sistema”. (p.201) Essa combinação é de fato pouco comum. Segundo a autora: “Pelo viés de seu valor, o signo não é visto enquanto unidade independente, mas relacionado aos demais elementos do sistema”. (p.201)

Ora, a delimitação de valores a partir de signos dados só pode ocorrer tendo em vista uma comunidade de falantes. Além disso, trata-se de um processo dinâmico que atualiza os valores a cada momento, ou seja, sendo o signo linguístico uma entidade psíquica de duas facetas: *significante / significado*, ele só significa a partir da função que exerce dentre os elementos de um sistema dado e não em si mesmo, autonomamente.

“Consequentemente, a noção de valor evoca a concepção de sistema, uma vez que são as convenções sistêmicas que viabilizam as determinações de valores (...).” (p.201); ou seja, é a coletividade que cria e renova o valor, contudo, o seu funcionamento é sistêmico porque parte da negatividade: um signo só significa em relação ao que ele não significa, gerando, assim, relações paradigmáticas em cada elaboração sintagmática. “O não ser é tão ou mais significativo que o ser.” (p.201)

A importância de se associar a discussão do signo linguístico à noção de valor transcende à questão puramente associativa. Dentro dessa perspectiva, o signo não simplesmente significa, ele vale. Cabe ao valor delimitar o sentido atribuído ao signo. O signo ganha, então, uma dimensão menos conceitual e mais enunciativa, pois os valores são estabelecidos na comunidade.

O conceito de valor aliado ao de signo linguístico traz à tona a proposta fecunda da Semiologia, tão presente no CLG, pois coloca a língua dentro da sua realização na coletividade. Essa postura nos remete à noção de sujeito, em Saussure, como aquele que se apropria do sistema linguístico a partir de uma comunidade de falantes. Isso faz com que Marques discuta também essa noção, retomando os manuscritos dos alunos de Saussure.

Segundo a autora, esse conceito não é discutido nos cursos, mas aparece como uma premissa básica. Sujeito é, no CLG, um indivíduo que se serve da língua como organismo social, mas não possui consciência do seu funcionamento.

Esse sujeito falante aparece como uma condição básica na linguística sincrônica, pois a língua só terá existência se for falada:

Portanto, apesar de não ser um ponto de partida, em momento algum o sujeito falante foi anulado ou desprezado nas aulas de linguística geral, mas sua importância foi colocada como premissa da linguística sincrônica, e, talvez por não ter sido estipulado no âmbito terminológico, acabou esquecido nos desdobramentos pós-saussureanos. (MARQUES, 2016, p.208)

Os editores do CLG afirmam, no prólogo, que Saussure aponta, no terceiro curso, para uma discussão sobre a linguística da fala que não ocorre, apesar de ter sido prometida. O que fica para os leitores do CLG é uma concepção de sujeito como indivíduo autônomo, que “exerce sua faculdade de linguagem com propósitos comunicativos” (p.206); mas, ao mesmo tempo, esse indivíduo é “integrante de uma comunidade de falantes, cujos significados emergem na fala considerada na coletividade” (p.206). Portanto, esse sujeito parece, de algum modo, ser afetado pela linguagem, já que o indivíduo é integrante de uma comunidade de fala.

Assim, apesar de o caminho para um sujeito constituído em linguagem já estar esboçado, não é trabalhado. Afinal, se o sujeito serve-se do sistema linguístico e a língua possui natureza homogênea (psíquica) e heterogênea (múltiplos fatores internos e externos participam da sua constituição), então há uma implicação mútua: tanto a linguagem precisa do sujeito para existir, quanto o sujeito só existe em linguagem.

A leitura desses conceitos e concepções realizada por Marques demonstra, certamente, o que ela já antevia: Saussure certamente trazia nas suas reflexões as sementes das teorias linguísticas posteriores a ele. E quanto mais não teríamos a fazer emergir das suas colocações, costurando esse entrelaçamento proposto pela autora?

Com a retomada desses conceitos fulcrais presentes no CLG, Luciana Marques nos possibilita novas leituras desse livro, a partir de dados ali presentes, mas pouco trabalhados pelos editores. Mas mais que isso, ela comprova a sua tese de que é possível saber mais a partir do cotejo dos textos dispersos que hoje constituem um acervo de fragmentos sobre/de Saussure.

4 O retorno aos manuscritos

Assim, mesmo sem apontar, especificamente, para os efeitos do CLG nas concepções linguísticas posteriores, a autora deixa muito evidentes as suas condições de preparação e suas possibilidades de leituras.

O redescobrir e o descrever cada curso de linguística geral por intermédio dos cadernos de alguns alunos já se apresenta como um instrumento de renovação dos estudos saussureanos, uma vez que, entre retornos e avanços, além do olhar diferenciado de cada turma, abrem-se novos enquadres e horizontes analíticos. (MARQUES, 2016, p.87)

Marques demonstra claramente a opção dos compiladores do CLG de escrever o livro como se fosse o mestre a redigi-lo, sem se remeter aos manuscritos dos alunos ou copiar deles trechos, mas utilizá-los somente com o propósito de dali extrair o “pensamento do mestre”. No entanto, essa opção é justificada pelos editores no prólogo do CLG. Pelo exposto, fica evidente um desejo dos compiladores de traduzir a inovação presente nas aulas para um livro que nem eles mesmos esperavam que fosse surtir tamanha repercussão. Ainda assim, Marques afirma que, ao revisitar os manuscritos, não encontrou ali distanciamentos relevantes em relação ao CLG.

O livro “As aulas de Saussure” foi capaz de demonstrar o quanto as ideias de Saussure operaram rupturas epistemológicas cruciais que tornaram a linguística propulsora do pensamento moderno que atingiu as várias ciências. Contudo, ele também demonstra que ainda não atingimos “o pensamento do mestre” em toda a sua dimensão, já que ali se esboça um cognitivismo ampliado, concepções enunciativas ainda pouco assumidas e uma noção de semiologia como um grande campo aglutinador de diferentes ramos do conhecimento.

Ao final da leitura de seu livro podemos inferir que Luciana Marques tornou-se de fato uma das alunas do mestre Saussure. Conforme suas palavras no desfecho do trabalho, as ideias de Saussure suscitaram nela a “vontade de saber mais” sobre a linguagem, mas não agora a partir de respostas e sim de novas descobertas.

A pesquisadora está formada. A pesquisa prosseguirá sempre, agora não necessariamente como trabalho, mas como investigação de um espírito que adentrou o fenômeno por uma das portas e não mais como quem olha de fora. Essa formação proporcionada por um mestre faz repercutir em cada postura, pois a natureza mesma da linguagem foi tocada e com ela a linguística e “(...) a necessidade de reformá-la e de mostrar para isso que espécie de objeto é a língua em geral (...)”. (p.213) (SAUSSURE em carta a Meillet, 4/1/1894)